



Universidade: presente!

UFRGS
PROPESQ



XXXI SIC

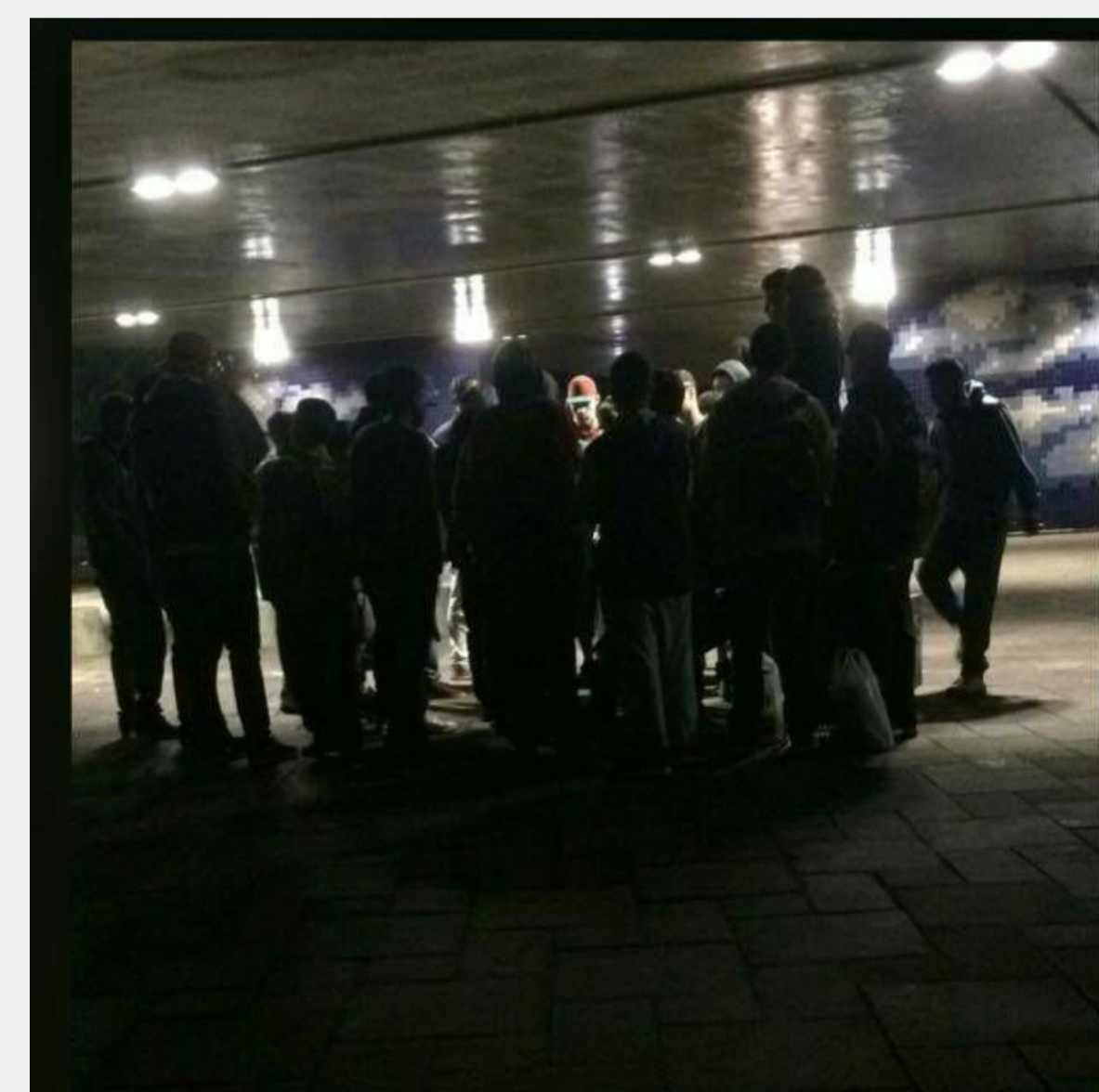
21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Notas introdutórias sobre uma etnografia musical em Batalhas de MC's no Centro de Porto Alegre

Bruno Affonso Muck (BIC-CNPq/UFRGS)

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Prass (GEM/UFRGS)

Este trabalho integra o projeto de pesquisa em Etnomusicologia “Cenas musicais do Rio Grande do Sul: etnografias entre músicos populares contemporâneos” e tenciona, a partir do método etnográfico em música, expor reflexões levantadas durante a fase inicial da pesquisa de campo do subprojeto “Batalha não é rolê’: identidade sonora e narrativas sônicas em Batalhas de MC’s em Porto Alegre”. Esta etnografia musical em desenvolvimento associa-se, dentro do campo da Etnomusicologia, ao paradigma do “novo trabalho de campo”, abordagem fenomenológica que se debruça sobre “o estudo das pessoas que experienciam a música”, segundo Titon (2008). Esse paradigma vai ao encontro da advertência de Anthony Seeger (2008) quanto à atenção a todos os elementos que perpassam um evento musical – sintetizado na tríade pessoas-tempo-espço –, à medida que propõe que as ações significativas sejam experienciadas como música ao invés de lidas como texto, aproximando-se da noção de um modo musical de ser/estar no mundo.



Batalha do Brooklyn

(Fonte: Página oficial do Facebook)



Batalha da Escadaria

(Fonte: Página oficial do Facebook)

A observação participante na Batalha do Brooklyn - que ocorria semanalmente aos sábados sob o Viaduto Imperatriz Leopoldina - data de março a maio de 2019 e segue sendo desenvolvida na Batalha da Escadaria, que acontece às quintas-feiras na escadaria do Viaduto da Av. Borges de Medeiros. A partir do trabalho de campo preliminar, percebo na configuração da batalha e nas relações entre público, apresentador(a) e MC's uma lógica comunicativa dialógica, enfatizada por cantos responsoriais com o intuito de engajar os envolvidos no evento, reivindicando a construção coletiva de um “espaço acústico” (SCHAFER, 2001), o que implica uma agência sobre as paisagens sonoras urbanas (ARAÚJO, 2005). Como considerações iniciais acerca do percurso da pesquisa até o momento, proponho que, nas batalhas estudadas, são essas as condições de produção de “narrativas sônicas” (SANTOS, 2016), representações e interpretações da experiência da dimensão sonora da vida social – na escuta e na criação -, que compõem uma “formação acústica” (ARAÚJO, 2005), disputando a legitimidade na definição de categorias músico-culturais e da experiência de formas de sociabilidade agenciadas de modo a dar sentido a uma identidade sonora.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Samuel. **Samba e coexistência no Rio de Janeiro contemporâneo**. In: ULHÔA, Martha; OCHOA, Ana Maria (Org.). Música popular na América Latina: pontos de escuta. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- SANTOS, Luana Zambiazzi dos. **Mixando sons, mesclando narrativas**: crônicas sônicas no contexto etnográfico de um bairro popular do sul do Brasil. Reunião Brasileira de Antropologia, nº 30. João Pessoa, 2016.
- SEEGER, Anthony. **Etnografia da música**. Cadernos de campo, São Paulo. n. 17, p. 237-260, 2008
- SHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001
- TITON, Jeff Todd. **Knowing fieldwork**. In: BARZ; Gregory; COOLEY, Timothy J. Shadows in the field: New perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology. 2ª ed. New York: Oxford University Press, 2008